



**AGRESSÃO SUBJETIVA E A RAIZ SISTÊMICA: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SOB A PERSPECTIVA DE SLAVOJ ŽIŽEK**

*SUBJECTIVE AGGRESSION AND THE SYSTEMIC ROOT: AN ANALYSIS OF VIOLENCE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES, FROM ŽIŽEK'S PERSPECTIVE*

Fernando Alves Raday. Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
fernandoraday@gmail.com

Mateus Santos Silva. Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
marcosemateus799@gmail.com

Elson Moura Dias Junior. Professor Doutor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
emdjunior@uefs.br

Denize Pereira de Azevedo Freitas. Professora Doutora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
dpafreitas@uefs.br

**RESUMO**

Este artigo é baseado em observação sistemática realizada durante a prática docente de discentes da Universidade Estadual de Feira de Santana, na disciplina de Estágio I (EDU 197) em aulas de Educação Física para Educação Infantil e Ensino Fundamental I, em Feira de Santana-BA, e objetiva analisar as manifestações de violência no ambiente escolar. Para esta análise, utilizamos um referencial ancorado nos conceitos de violência (Subjetiva, Objetiva e Sistêmica), do autor Žižek (2008). Na escola, foi identificada a prevalência de

**ABSTRACT**

*This article is based on systematic observation during the teaching practice of students from Universidade Estadual de Feira de Santana in the Internship I course (EDU 197), during Physical Education classes (Early Childhood Education and Elementary School I) in Feira de Santana. It aims to analyze manifestations of violence within the school environment. For this analysis, we used a theoretical framework grounded in the concepts of violence (Subjective, Objective, and Systemic), proposed by Slavoj Žižek (2008). At the school, the prevalence of aggression among students was identified, classified as subjective violence. The report provides an initial*

agressões entre estudantes, classificadas como violência subjetiva. O relato permite uma primeira aproximação que pode nos guiar numa análise mais profunda sobre a relação entre a agressão superficial e a violência sistêmica invisibilizada. Conclui-se, assim, que a violência permeia as estruturas sociais e escolares, e a sua reflexão é crucial para subsidiar a prática docente.

**Palavras-chave:** ambiente escolar; violência objetiva; violência subjetiva; *bullying*; Slavoj Žižek.

*approach that may guide a deeper analysis of the relationship between superficial aggression and invisibilized systemic violence. It is therefore concluded that violence permeates social and school structures, and that reflecting on it is crucial to support teaching practice.*

**Keywords:** school environment; objective violence; subjective violence; *bullying*; Slavoj Žižek.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido a partir das experiências vivenciadas nas aulas de Educação Física em escolas da rede municipal de Feira de Santana. A ação integra a prática sistematizada da disciplina de Estágio I (EDU 197), do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tendo como finalidade contribuir para a formação inicial dos discentes, com ênfase na Educação Básica, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em articulação com escolas parceiras. “Tem como função primordial: “[...] observação, coparticipação, ao planejamento, à regência e à avaliação na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, isto é, do primeiro ao quinto ano” (UEFS, 2018, p. 70).

Este trabalho tem como referência uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa foi desenvolvida no contexto da formação inicial, no curso de Licenciatura em Educação Física, no semestre 2025.2, com duração de quatro meses. A inserção no campo fundamentou-se nos princípios da pesquisa qualitativa, com atuação que não se restringiu aos momentos de regência, contemplando também a observação do cotidiano escolar.

O tema discutido surge diante da necessidade de compreender quais são as formas de manifestação da violência na escola, como ela se desenvolve e por que

ocorre. Nesse sentido, consideram-se as diversas formas de violência, não apenas aquelas manifestadas de forma extrínseca, mas também aquelas que se apresentam de maneira mais difusa e naturalizada no cotidiano escolar. Por isso, diante de tal problemática, torna-se imprescindível o desenvolvimento de estudos, bem como a atuação do professor de Educação Física no ambiente escolar, uma vez que essa atuação pode possibilitar a professores e estudantes uma compreensão que ultrapasse análises simplistas e pontuais, evidenciando as estruturas sociais que sustentam práticas de violência no contexto escolar.

Por isso, ao longo do texto, são apresentadas discussões fundamentadas na perspectiva teórica de Žižek, especialmente a partir da distinção entre violência subjetiva, visível, direta e frequentemente associada a atos como agressões físicas ou verbais, e violência objetiva, que se manifesta de forma estrutural e simbólica, muitas vezes invisibilizada nas relações sociais. Essa distinção permite ampliar a compreensão do fenômeno da violência no espaço escolar, deslocando o foco de eventos isolados para os mecanismos que os produzem e sustentam.

Como exemplo, aborda-se o *bullying*, uma das formas de manifestação da violência no ambiente escolar, analisado sob esse referencial ampliado, o que possibilita compreendê-lo além de episódios pontuais de agressão. Nessa perspectiva, o *bullying* pode ser entendido não apenas como expressão da violência subjetiva, mas também como efeito de dinâmicas estruturais e simbólicas que organizam as relações entre os sujeitos no ambiente escolar. Assim, sua ocorrência não se reduz à ação individual, estando atravessada por valores, normas e desigualdades presentes na conjuntura social.

Dessa forma, este artigo apresenta relevância científica e potencial impacto social, haja vista que as reflexões desenvolvidas podem subsidiar a prática pedagógica de professores de Educação Física, ao evidenciarem a existência de uma sociedade estruturalmente marcada por diferentes formas de violência, muitas vezes naturalizadas no cotidiano escolar.

Dessa forma, o artigo tem como objetivo analisar as diversas formas de manifestação da violência no contexto das aulas de Educação Física, bem como

compreender como essa violência se expressa e se estrutura no ambiente escolar, à luz da perspectiva materialista-dialética de Slavoj Žižek. Busca-se, ainda, promover uma análise crítica que ultrapasse a dimensão aparente dos fenômenos, evidenciando a presença de uma lógica estrutural de violência que atravessa as relações sociais no espaço escolar.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho possui fundamentação nos conceitos apresentados por Žižek (2008), na obra denominada “Violência”. No texto, o autor descreve como a violência permeia a sociedade a partir de uma perspectiva materialista-dialética. De acordo com Žižek, a violência manifesta-se em três dimensões inter-relacionadas: subjetiva, objetiva e sistêmica.

A violência subjetiva está relacionada a manifestações visíveis e diretas, como crimes, agressões e atos de terror, configurando-se como aquela que irrompe no plano imediato das relações sociais. Na contramão, a violência objetiva refere-se a formas mais sutis e naturalizadas, presentes nas estruturas simbólicas e nas linguagens que organizam o convívio social.

A questão é que as violências subjetiva e objetiva não podem ser percebidas do mesmo ponto de vista: a violência subjetiva é experimentada enquanto tal pano de fundo de um zero grau de não violência. É percebida como uma perturbação do estado das coisas “normal” e pacífico. Contudo, a violência objetiva é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível a qual percebemos algo como subjetivamente violento [...] (Žižek, 2008, p. 2).

Na obra, o autor evidencia que a violência objetiva se desdobra em duas formas principais: a violência simbólica e a violência sistêmica. A violência simbólica está incorporada nas linguagens, nos discursos e nas formas de representação social, podendo ser identificada nas relações de poder, nos processos de dominação e nas naturalizações presentes no cotidiano. Já a violência sistêmica refere-se às

consequências do funcionamento dos sistemas político e econômico, operando de maneira estruturante e, muitas vezes, imperceptível no cotidiano social.

Žižek (2008) utiliza a metáfora da “matéria escura” para explicar a violência sistêmica, indicando que, embora nem sempre seja imediatamente visível, ela sustenta e condiciona as demais formas de violência. Nesse sentido, atos de violência subjetiva podem ser interpretados, de forma equivocada, como eventos isolados, quando, na realidade, estão profundamente enraizados em estruturas sociais mais amplas.

No que se refere às manifestações da violência no contexto escolar, Silva (2010) aponta que a violência entre estudantes, bem como aquela direcionada a eles, é frequentemente denominada de *bullying*, termo de origem inglesa cuja tradução ainda não possui equivalência precisa em língua portuguesa. Ainda assim, o conceito encontra-se amplamente associado a práticas reiteradas de intimidação, exclusão e agressão no ambiente escolar.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (Silva, 2010, p. 21).

Na mesma obra, a autora discute como esses comportamentos podem se consolidar ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, repercutindo em suas formas de inserção social na vida adulta. Nesse processo, práticas violentas internalizadas tendem a se manifestar em diferentes espaços sociais, contribuindo para a reprodução de relações de dominação e desigualdade.

No contexto familiar, os bullies e mais experientes podem ser identificados na figura de pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos, capazes de destruir a saúde física e mental, e autoestima de seus alvos prediletos. No território profissional, costumam ser chefes ou colegas tiranos, “mascarados” e impiedosos. Suas atitudes agressoras (ou transgressora) estão configuradas na corrupção, na coação, no uso indevido de dinheiro público, na imprudência arbitrária no trânsito, na negligência com os enfermos, no abuso de poder de liderança, no sarcasmo de quem se utiliza

da “lei de esperteza”, no descaso das autoridades, no prazer em ver o outro sofrer [...] (Silva, 2010, p. 21).

Por meio desse viés, a autora não apenas demonstra como esses indivíduos se relacionam com a sociedade após a formação escolar, mas também evidencia como tais práticas contribuem para a manutenção e reprodução de estruturas sociais marcadas pela violência.

Nesse ponto, é possível estabelecer um diálogo direto com Žižek, uma vez que a aparente ausência de justificativa nos comportamentos agressivos escolares pode ser compreendida como expressão de uma violência sistêmica que atravessa as relações sociais. Assim, aquilo que se apresenta como ação individual — a violência subjetiva — pode, na realidade, ser resultado de processos estruturais mais amplos, muitas vezes invisibilizados.

No campo da psicologia do desenvolvimento, Crick e Dodge (1996) diferenciam agressão instrumental (proativa) e agressão hostil (reativa). A agressão proativa ocorre quando a criança utiliza deliberadamente a força para alcançar objetivos, revelando uma dimensão estratégica do comportamento agressivo. Já a agressão reativa está associada ao viés de atribuição hostil, no qual a criança interpreta situações ambíguas como ameaçadoras e responde com agressividade.

Pesquisas indicam que crianças rejeitadas socialmente ou expostas a práticas parentais coercitivas apresentam maior predisposição à hostilidade (Coie; Dodge, 1998; Masten; Coatsworth, 1998). Além disso, o viés de atribuição hostil pode intensificar-se entre os 6 (seis) e 12 (doze) anos, contribuindo para ciclos de agressão que tendem a se retroalimentar ao longo do desenvolvimento (Aber; Brown; Jones, 2003).

Dessa forma, ao articular as contribuições da psicologia do desenvolvimento com a perspectiva crítica de Žižek, amplia-se a compreensão da violência escolar, permitindo analisá-la não apenas como comportamento individual, mas como fenômeno complexo, atravessado por dimensões subjetivas, simbólicas e estruturais.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no contexto da disciplina de Estágio I (EDU 197), no curso de Licenciatura em Educação Física, durante o segundo semestre de 2025, com duração de quatro meses de pesquisa-intervenção, totalizando uma carga horária semanal de quatro horas. A inserção no campo fundamentou-se nos princípios da pesquisa qualitativa que, segundo Lüdke e André (1986, p. 11), "[...] tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento". A atuação não se restringiu aos momentos de regência, estendendo-se também aos períodos em que não havia aulas ministradas, nos quais houve observação predominantemente passiva do cotidiano escolar. Tal dinâmica possibilitou analisar como a organização estrutural da escola influencia as aulas e em que medida essa influência pode assumir configurações associadas à violência.

A observação concentrou-se nas interações sociais, nas manifestações de agressão ou violência e nas dinâmicas estabelecidas entre professor-aluno, aluno-aluno e professor-estagiário. Essa escolha alinha-se à premissa de que, nessa abordagem metodológica, "[...] a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto [...]", sendo o interesse central do pesquisador "[...] verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas" (Lüdke; André, 1986, p. 12).

A violência foi analisada à luz dos conceitos apresentados no referencial teórico. Desse modo, a interpretação das situações observadas partiu de uma leitura teórico-crítica orientada pela perspectiva materialista-dialética, buscando identificar, durante a prática docente, possíveis manifestações de violência em suas dimensões subjetiva, objetiva e sistêmica. A análise dos dados, constituídos por anotações e reflexões registradas em campo, foi realizada por meio de análise qualitativa de caráter interpretativo e dialógico, utilizando como categorias analíticas os conceitos de violência subjetiva, objetiva, sistêmica e simbólica, propostos por Žižek. Esse processo reflete a natureza do estudo qualitativo, no qual "[...] o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de

compreensão e interpretação do fenômeno estudado" (Lüdke; André, 1986, p. 26), sem perder de vista o rigor analítico necessário à produção do conhecimento científico. Busca-se, assim, desnaturalizar práticas cotidianas e evidenciar estruturas de poder e dominação subjacentes ao ambiente escolar.

A investigação contou com autorização institucional formal e com o compromisso de preservação da identidade dos participantes (alunos, professores e instituição), garantindo a confidencialidade das informações. Os dados primários foram coletados por meio de notas de campo elaboradas pelos pesquisadores, instrumento que possibilitou a documentação detalhada dos fatos observados, incluindo falas literais de estudantes e professores, descrições de situações potencialmente caracterizadas como violência e reflexões iniciais e posteriores sobre a prática docente. Em razão da impossibilidade de realizar anotações durante a execução das aulas, os registros eram sistematizados imediatamente ao final de cada período de atuação, respeitando o princípio apontado pelas autoras de que "[...] quanto mais próximo do momento da observação, maior sua acuidade" (Lüdke; André, 1986, p. 32).

O relato tem início a partir da primeira aula ministrada, marcada pelo impacto inicial entre as expectativas construídas pela literatura pedagógica e a realidade concreta do ambiente escolar, evidenciando tensões, contradições e elementos estruturais que fundamentam as análises desenvolvidas neste estudo. Conforme Lüdke e André (1986, p. 31) ressaltam sobre a importância dos registros de campo, o pesquisador deve anotar não apenas a parte descritiva, mas também a parte reflexiva, incluindo "[...] suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, pré-concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções".

#### **4 DISCUSSÃO**

No primeiro contato com a turma do 2º ano, foi possível perceber a presença recorrente de comportamentos agressivos entre os estudantes, especialmente nas

interações entre pares.<sup>1</sup> Tais manifestações não se restringiam a brincadeiras físicas leves, como petelecos ou empurrões, mas envolviam atitudes com intencionalidade de ofensa e constrangimento, tanto dentro, quanto fora da sala de aula. Observou-se que, em diversos momentos, os estudantes demonstravam comportamentos voltados a ofender ou machucar colegas como forma de entretenimento coletivo, o que evidencia a naturalização da violência como prática relacional no cotidiano escolar.

Durante a permanência na escola, a forma de violência mais evidente e recorrente foi a agressão física (golpes, mordidas e beliscões), associada à agressão verbal, configurando o que Žižek (2008) denomina de violência subjetiva — aquela que se apresenta de forma direta, visível e localizada nas ações dos sujeitos. Entretanto, limitar a análise a essa dimensão implicaria reduzir o fenômeno a comportamentos individuais, desconsiderando os condicionantes estruturais que o produzem e sustentam.

As manifestações de violência observadas nas aulas de Educação Física exigiram intervenções constantes, o que evidenciou a necessidade de compreendê-las além do plano imediato.<sup>2</sup> Nesse sentido, a leitura das situações vivenciadas foi orientada pelas categorias de violência subjetiva, objetiva e sistêmica (Žižek, 2008), permitindo deslocar a análise do evento isolado para uma compreensão de totalidade social.

Em uma das aulas sobre lutas indígenas, na atividade “Derruba Toco”, ocorreu uma situação emblemática. Dois alunos participavam da proposta dentro dos parâmetros esperados, até que, ao final do primeiro momento da atividade, um deles passou a empregar maior intensidade física. O outro aluno interpretou essa ação como

---

<sup>1</sup> Diante desse diagnóstico inicial, optou-se por direcionar o conteúdo da disciplina de Educação Física para o eixo temático das lutas, com o objetivo de problematizar pedagogicamente os comportamentos agressivos observados.

<sup>2</sup> Após a análise diagnóstica da turma, considerando que a professora desenvolvia atividades relacionadas ao continente africano, buscou-se estabelecer uma articulação interdisciplinar. Assim, foram selecionadas modalidades de lutas que possuíssem relações históricas ou culturais com a África, especialmente com o Egito. As modalidades contempladas neste primeiro momento foram: boxe, esgrima e luta greco-romana. Posteriormente, o conteúdo avançou para lutas indígenas brasileiras e, por fim, para lutas asiáticas.

intencionalmente agressiva — o que pode ser compreendido à luz do viés de atribuição hostil (Crick; Dodge, 1996) — reagindo de forma explosiva, com ofensas verbais seguidas de agressões físicas.

Uma análise superficial classificaria o episódio como uma briga isolada. Contudo, à luz da perspectiva de Žižek (2008), trata-se de uma manifestação de violência subjetiva que emerge como efeito visível de violências objetivas e sistêmicas previamente instituídas. A chamada “explosão irracional” não é espontânea, mas sintoma de uma ordem simbólica que organiza as relações e legitima determinadas formas de agressividade.

A violência objetiva, especialmente em sua dimensão simbólica, manifesta-se nas formas de linguagem, nos xingamentos naturalizados, nas hierarquizações e nos modos de tratamento entre os sujeitos, constituindo o pano de fundo que sustenta a violência visível. Já a violência sistêmica revela-se nas condições materiais e institucionais da escola, como a precarização dos recursos, a limitação dos espaços e a insuficiência de mediações pedagógicas para lidar com conflitos, atingindo, sobretudo, estudantes de classes historicamente marginalizadas, cuja relação com a escola é frequentemente atravessada por experiências de exclusão simbólica.

Nesse sentido, a escola configura-se simultaneamente como espaço de emancipação e de reprodução das desigualdades sociais, o que se alinha à crítica de Mézáros (2008), ao evidenciar que, sob a lógica do capital, a educação tende a assumir também a forma de mercadoria, sendo atravessada por processos de precarização e desvalorização do ensino público.

A análise da situação descrita evidencia que o comportamento agressivo não pode ser compreendido como falha individual, mas como expressão de um sistema social complexo, no qual o sujeito é, simultaneamente, produto e agente das estruturas que o atravessam. Essa compreensão torna-se ainda mais evidente quando as respostas institucionais se limitam à punição do indivíduo, sem problematizar as condições que produzem tais comportamentos.

Contudo, a violência no ambiente escolar não se restringe aos estudantes. Ela também atravessa a prática docente, uma vez que professores estão igualmente

inseridos em contextos sociais marcados por tensões, desigualdades e discursos violentos. Assim, práticas pedagógicas podem, ainda que não intencionalmente, reproduzir formas de violência objetiva.

Tal aspecto foi evidenciado em uma reunião pedagógica, na qual um professor/estagiário sugeriu expor estudantes de forma vexatória como forma de punição (“na próxima aula, nós não iremos sair da sala por conta de ‘fulano’”). Essa prática aproxima-se de pedagogias baseadas no constrangimento, reforçando processos de estigmatização e exclusão, o que pode agravar as situações de conflito, ao invés de mediá-las.

Nessa perspectiva, a violência docente não se apresenta, necessariamente, como violência subjetiva direta, mas como violência objetiva simbólica, ao operar por meio de discursos, práticas e decisões que produzem desigualdades e hierarquizações no interior da escola. Conforme Silva (2010), tais práticas podem ser compreendidas no âmbito do *bullying* institucional, especialmente quando envolvem humilhação, exposição e desvalorização do estudante.

Ao tratar o aluno como objeto — e não como sujeito —, o professor contribui para processos de desumanização e reforça estruturas de dominação, o que dialoga com a leitura de Morais (2022) sobre a presença de formas de alienação simbólica no cotidiano educacional. Nesse movimento, a violência objetiva atua como mediadora da reprodução da violência sistêmica.

Além disso, observou-se a presença de hierarquizações entre áreas do conhecimento, nas quais a Educação Física é frequentemente desvalorizada. Essa deslegitimação manifesta-se, por exemplo, na utilização da aula de Educação Física como punição, sendo retirada de estudantes considerados “indisciplinados”, o que configura uma forma de violência objetiva, ao negar o direito ao acesso a um componente curricular obrigatório.

Tal prática evidencia que a exclusão é naturalizada por meio de rótulos comportamentais, reforçando desigualdades e contribuindo para a reprodução da violência sistêmica. Nesse contexto, a retirada da aula não é apenas uma punição,

mas um mecanismo de controle que reafirma hierarquias e desvaloriza a cultura corporal (Bertini Junior; Tassoni, 2013).

Dessa forma, a análise das situações observadas permite compreender que a violência na escola opera em múltiplas camadas — subjetiva, objetiva e sistêmica —, sendo necessário superar leituras simplistas e individualizantes. A Educação Física, como espaço privilegiado de interação, revela-se também como campo potente para a identificação, problematização e enfrentamento dessas violências, desde que orientada por uma prática pedagógica crítica e consciente de seus atravessamentos sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo permitiu ratificar, a partir da observação sistemática da prática docente, que as manifestações de violência subjetiva, verificadas nas aulas de Educação Física, não se restringem a desvios comportamentais isolados, mas configuram expressões visíveis de estruturas mais amplas que demandam interpretação à luz das categorias de violência propostas por Žižek (2008).

Embora Žižek não trate diretamente da educação como objeto central de sua obra, sua perspectiva materialista-dialética e sua interlocução com a psicanálise e a crítica da ideologia oferecem subsídios teóricos consistentes para a análise do fenômeno educativo, permitindo compreender a escola como espaço atravessado por contradições sociais mais amplas (Rech; Fonseca, 2020).

Nesse sentido, a análise crítica das situações vivenciadas evidenciou que as violências ditas “subjetivas”, como as agressões entre estudantes, articulam-se diretamente com formas de violência objetiva, manifestadas nas práticas discursivas, nas estratégias punitivas e na desvalorização de componentes curriculares, como a própria Educação Física. Tais dimensões não atuam de forma isolada, mas se inter-relacionam, compondo o que Žižek denomina de violência sistêmica, a qual se expressa nas desigualdades de classe, na precarização das condições materiais da escola e na influência de mecanismos sociais mais amplos.

Observou-se, ainda, que as respostas institucionais tendem a privilegiar a responsabilização individual dos sujeitos, desconsiderando os condicionantes estruturais que produzem tais comportamentos, o que contribui para a manutenção de um ciclo de naturalização da violência. Nesse contexto, as chamadas “explosões irracionais” de agressividade podem ser compreendidas como sintomas de dinâmicas sociais mais profundas, e não como pontuais ou desvios individuais.

No âmbito das implicações pedagógicas, o estudo reforça a necessidade de uma formação docente que ultrapasse a dimensão técnica-instrumental, exigindo do professor de Educação Física uma postura crítica, capaz de analisar e intervir nas relações sociais que atravessam o cotidiano escolar. Tal perspectiva implica reconhecer o caráter ético e político da prática pedagógica, especialmente no enfrentamento das desigualdades e das múltiplas formas de violência presentes na escola.

Por fim, embora circunscrito a uma experiência localizada, este relato aponta a necessidade de ampliação das investigações em diferentes contextos escolares, bem como o desenvolvimento de estudos mais aprofundados, inclusive de caráter longitudinal, que permitam compreender, de forma mais abrangente, a articulação entre violência, desigualdade social e práticas educativas. Dessa forma, reafirma-se a importância de uma Educação Física comprometida não apenas com o desenvolvimento corporal, mas com a formação crítica e emancipatória dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ABER, J. L.; BROWN, J. L.; JONES, S. M. *Developmental trajectories toward violence in middle childhood: Course, demographic differences, and response to school-based intervention*. **Developmental Psychology**, v. 39, n. 2, p. 324-348, 2003.

BERTINI JUNIOR, Nestor; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 467-483, jul./set. 2013.

CRICK, N. R.; DODGE, K. A. *Social information-processing mechanisms in reactive and proactive aggression*. **Child Development**, v. 67, p. 993-1002, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASTEN, A. S.; COATSWORTH, J. D. *The development of competence in favorable and unfavorable environments: Lessons from research on successful children*. **American Psychologist**, v. 53, n. 2, p. 205-220, 1998.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução de Isa Tavares. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Mundo do trabalho).

MORAIS, F. A. de. **Ideologia, sujeito e reflexões sobre a educação na perspectiva de Slavoj Žižek**. 2022. (110 f.). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64582>. Acesso em: 26 abr. 2026.

RECH, Hildemar Luiz; FONSECA, Fernando Facó de Assis. Materialismo dialético, luta de classes e insights filosóficos sobre a educação a partir de Slavoj Žižek. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 34, n. 71, p. 853-859, maio/ago. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

UEFS. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física**. Feira de Santana: UEFS, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis notas à margem. São Paulo: Boitempo, 2008.